***Manto cinzento***

*A cor do silêncio é negra.*

*O som do fim ensurdece-me.*

*Não encontro a verdade,*

*Nem as palavras se mostram.*

*Esmaga-me o peso das memórias,*

*A reconstrução sobre as ruinas,*

*A civilização…*

*Náuseas sobre uma terra à deriva.*

*Um coração desterrado;*

*A mesquinhez humana.*

*Formigas comem outras formigas,*

*Arrotam sapos,*

*Trilos sem fim exalados de diminutos pulmões.*

*Unhas cuspidas para o chão;*

*Repetições de um ser abandonado.*

*Moscas à espera dos meus excrementos,*

*Cortes nupciais de zun zums alados,*

*Pássaros de bicos abertos.*

*Desejos voluptuosos,*

*Lábios perdidos no escuro,*

*Sonhos entrelaçados.*

*Há uma recta e um momento,*

*Uma curva e uma canção.*

*Amanhã, amanhã, só vou saber amanhã!*

*Abraçamo-nos e quando nos abraçamos, abraçamos a mesma dor -*

*A dor de ser, a dor de sentir o ser.*

*Traição! Traímos o nosso coração!*

*Provamos do veneno que inquinará o mundo!*

*Que o tornará inabitável.*

*Queria-te perdoar,*

*Mas não fui capaz, pensei que me perdoarias tu…*

*Tanto tempo!; reduzido a pó, a uma arrogante espécie de argamassa convencida de aguentar uma amizade alicerçada sobre as cinzas de um amor queimado.*

*Fumo negro de almas translucidas atiradas ao inferno - Holocausto*

*Fumo negro de almas translucidas atiradas para o progresso – Génocidio*

*Variável, veloz e doce canção com motivos assobiados em tons altos – Stiphrornis erythrothorax.*

*Invariável, fulminante e amarga canção com motivos fúnebres em tons estridentes - Homo sapiens.*

*Estou vacinado (já tinha dito), bebi do veneno que não me liquidou.*

*Já posso matar, já sou homem (adulto)! Já posso aniquilar os da minha espécie, sem remorsos!*

*Estar-lhes-ei a fazer um favor!*

*Libertar-vos-ei da dor;*

*Incorporei a morte!*

*Eu sou a morte!*

*Ah ah ah ah a a!*

*Não se assustem, pois sou eu o vosso filho, filho de Deus,*

*Satanás!*

*Estou a brincar, a brincar com o jogo dos Homens – vestidos de Paz e de Guerra – capacetes azuis e soldadinhos de chumbo! Todos bons cristãos – In Good we trust!*

*Há um fim que desconhecemos – Luz – aproximemo-nos dela, tudo será mais claro!*

*Que chatice, tenho vontade de não sei o quê…*

*Arroto, mas ainda não estou confortável com o meu corpo, pois a minha alma, pobre, perdeu as asas e não pode voar.*

*Irão de novo crescer, as asas do desejo, engrossar, ganhar forma e voar! Voar sobre o mar, sobre o mundo, sobre a tua cidade empestada de turistas, e na minha no Porto da minha partida, caminharei, com elas dobradas debaixo do sobretudo cinzento de marca que me deixas-te e dos seus bolsos uma a uma e com o passar do tempo cairão e perder-se-ão pedras preciosas - as nossas memórias - até que eu, velho, mais velho que esse macio manto que sempre será teu, morrerei como um espelho morre – estilhaçado, lançando pequenos reflexos de um mundo à nossa volta.*

*Ngaga, 13 de Novembro*